

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

TAYNARA ANDRADE FERREIRA

PSICOLOGIA E EMPREENDEDORISMO: O papel das Diretrizes Nacionais
Curriculares para a Graduação em Psicologia para o desenvolvimento do
comportamento empreendedor nas universidades.

São Luís
2021

TAYNARA ANDRADE FERREIRA

PSICOLOGIA E EMPREENDEDORISMO: O papel das Diretrizes Nacionais Curriculares para a Graduação em Psicologia para o desenvolvimento do comportamento empreendedor nas universidades.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Me. Regienne Maria Oliveira Peixoto.

São Luís

2021

Ferreira, Taynara Andrade

Psicologia e empreendedorismo: o papel das diretrizes nacionais curriculares para o desenvolvimento do comportamento empreendedor nas universidades. / Taynara Andrade Ferreira __ São Luís, 2021.

42 f.

Orientador: Prof. Ma. Regienne Maria Paiva A. Oliveira Peixoto.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2021.

1. Psicologia. 2. Empreendedorismo. 3. Graduação. 4. Diretrizes Nacionais. I. Título.

CDU 159.9:658.016

TAYNARA ANDRADE FERREIRA

PSICOLOGIA E EMPREENDEDORISMO: O papel das Diretrizes Nacionais Curriculares para a Graduação em Psicologia para o desenvolvimento do comportamento empreendedor nas universidades.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto (Orientador)

Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Me. Jarbas Campelo Feitosa Filho

Mestre em Cultura e Sociedade (UFMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Thayara Ferreira Coimbra

Mestra em Turismo e Hotelaria (UNIVALI)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Dedico ao meu marido, meus pais,
à toda equipe da minha empresa e a
todos os empreendedores que com
muita luta, abrem novos caminhos
todos os dias.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho contou com a colaboração de diversas pessoas pelas quais eu agradeço:

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me permitir trilhar este caminho com saúde e chegar ao final da graduação.

Agradeço à toda a minha família, em especial ao meu marido que colaborou para que eu pudesse me afastar temporariamente para a conclusão deste objetivo.

Agradeço à minha Professora e Orientadora Regienne Peixoto por sempre estar contribuindo de maneira positiva durante toda a graduação e acreditar no meu potencial.

Agradeço também à toda equipe docente da UNDB por cada aula ministrada com muito profissionalismo e dedicação durante esses cinco anos na academia.

“Um elemento essencial de qualquer arte é o risco. Se você não arrisca, como fará algo realmente bonito que ainda não foi visto?”

Francis Ford Coppola

RESUMO

Atualmente o empreendedorismo tem tomado cada vez mais destaque no Brasil e no Mundo sendo um importante fator de desenvolvimento social e humano. A entrada nesse mercado vem demandando dos indivíduos uma série de habilidades para desenvolvê-lo com sucesso na sociedade. Esses comportamentos empreendedores devem ser estimulados e trabalhados em toda a caminhada acadêmica, desde o ensino básico até o ensino superior. Isso implica na necessidade da inserção desse tema também nos cursos de graduação, inclusive na Psicologia. O presente trabalho visa investigar o papel das Diretrizes Nacionais Curriculares para os cursos de Psicologia como documentos que descrevem e embasam o desenvolvimento do comportamento empreendedor nas universidades. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa documental de caráter qualitativo e finalidade descritiva com a análise das Diretrizes curriculares Nacionais do curso Psicologia de nº5, de 15 de março de 2011. As análises feitas evidenciaram as DCNs como o cerne da atuação nos centros de ensino, sendo responsável pela formação de um ambiente favorável ao desenvolvimento do comportamento empreendedor nas universidades. Pode-se perceber também um importante avanço com trechos claros que evidenciam a importância da educação empreendedora, referenciando de maneira direta e indireta o empreendedorismo como primordial na formação em psicologia. Ao mesmo tempo, deixa reflexões importantes sobre a necessidade de constantes atualizações e revisões tendo em vista ainda a existência de lacunas no que diz respeito à formação dos empreendedores nas universidades.

Palavras-chave: Psicologia. Empreendedorismo. Graduação. Diretrizes Curriculares.

ABSTRACT

Currently, entrepreneurship has become increasingly prominent in Brazil and in the world, demanding from individuals a series of skills to successfully develop it in society. This implies the need to include this theme in undergraduate courses, including Psychology. This article aims to investigate the role of national curriculum guidelines for Psychology courses as documents that describe and support the development of entrepreneurial behavior in universities. The adopted methodology is based on documental research with the analysis of the National Curriculum Guidelines of the Psychology course n°5, of March 15, 2011. The analyzes showed the DCNs as the core of the performance in teaching centers, as well as an important advance with clear passages that show the importance of entrepreneurial education. At the same time, it leaves important reflections on the need for constant updates and revisions, bearing in mind the existence of gaps with regard to the training of entrepreneurs in universities.

Keywords: Psychology, Entrepreneurship, graduation, national guidelines.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Taxas de empreendedorismo por necessidade | 18 |
| Tabela 2 – Motivação empreendedora | 19 |
| Tabela 3 – Características empreendedoras | 21 |
| Tabela 4 – O empreendedorismo nas Diretrizes Curriculares | 33 |
| Tabela 5 – Referências empreendedoras nas Diretrizes | 34 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| UNDB | Unidade de Ensino Superior Dom Bosco |
| TCC | Trabalho de conclusão de curso |
| BUCBP | Biblioteca Universitária Consuelo Bello Pereira |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas |
| GEM | Global Entrepreneurship Monitor |
| TEA | Taxas de Empreendedorismo em fase inicial |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| URSS | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas |
| CCE | Características do Comportamento Empreendedor |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 16 |
| 2.1 Empreendedorismo | 16 |
| 2.2 Comportamento empreendedor | 20 |
| 2.3 Formação em psicologia no Brasil | 25 |
| 3 METODOLOGIA | 33 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 34 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| 6 REFERÊNCIAS | 41 |

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo, atualmente, tem tido cada vez mais espaço e relevância nas discussões e na mídia já que, com a globalização e facilidade de trocas de informações com a qual vivemos, mais exemplos de empreendedores têm chegado ao conhecimento de jovens acadêmicos, culminando na criação de mais empresas e conseqüentemente, um maior estímulo ao crescimento econômico do país. O Relatório executivo do SEBRAE (2017) apontou esse crescimento de maneira estatística. Segundo esses dados, a TTE (Taxa de Empreendedorismo Total) no Brasil foi de 36,4%, significando que a cada 100 indivíduos entrevistados, aproximadamente 36 deles estavam exercendo atividade empreendedora naquele momento. Entretanto, ainda existem, dentro dos centros de formação acadêmica, tais como as universidades, uma grande lacuna no que diz respeito à preparação desses estudantes para uma possível carreira empreendedora. (MARCONDES, 2014).

Esse cenário se repete também nos cursos de Psicologia. É notório que a Psicologia como área de conhecimento contempla uma vasta gama de temas e possibilidades que fazem parte da sua atuação profissional. Dessa forma, os campos de atuação, ou seja, os locais onde o profissional de Psicologia pode contribuir, também são diversos. Atualmente, o profissional de Psicologia pode atuar em locais como escolas, clínicas, ambientes jurídicos, dispositivos sociais como o CRAS e CAPS, etc. Porém, a atuação do psicólogo como empreendedor/empresário, na criação de uma empresa, no gerenciamento de equipe, liderança e inovação, ainda é pouco disseminada e pouco estimulada pelas universidades.

A formação universitária, por sua vez, é direcionada pelas Diretrizes Nacionais Curriculares, que estabelecem as normativas a serem observadas para a formulação e implementação deste curso. Dessa forma, a abordagem empreendedora, depende, inicialmente de estar em concordância com os princípios e fundamentos desta diretriz. Assim, a presente pesquisa apresenta o seguinte problema: as Diretrizes Nacionais Curriculares (DCN) do curso de Psicologia oferecem subsídios para o desenvolvimento do comportamento empreendedor dos egressos do curso? Tem-se como objetivo geral: Analisar se as Diretrizes Nacionais Curriculares oferecem subsídios para o desenvolvimento do comportamento

empreendedor do egresso dos cursos de Psicologia e como objetivos específicos: compreender os conceitos e características do comportamento empreendedor; examinar as proposições das DCN sobre a formação do psicólogo; entender sobre o papel das universidades para o desenvolvimento do comportamento empreendedor dos egressos do curso de Psicologia.

Tendo em vista a organização econômica e social em que estamos inseridos, o empreendedorismo se mostra como fundamental nas formações acadêmicas, inclusive da Psicologia. Assim, as DCN, como documentos que estão situados em um meio e conseqüentemente refletem a cultura e os costumes desse meio, podem envolver o tema empreendedorismo como base para a formação dos profissionais de Psicologia. Entretanto, ainda existe muito caminho a se percorrer e muito a se abordar sobre o tema dentro das instituições de ensino, já que, até hoje nas universidades, a maioria dos alunos não se desenvolvem como empreendedores e a adesão a essa atuação ainda seja bastante pequena. Além disso, acredita-se que exista ainda uma cultura socialmente estabelecida um tanto resistente ao empreendedorismo, por um lado pelo seu perfil que envolve riscos e uma certa “instabilidade”. Essa cultura parece desvelar a ideia de que a “estabilidade” financeira, tão sonhada e desejada, se reflete na preferência de boa parte dos indivíduos a empregos fixos e a concursos públicos. Empreender é arriscar, e na maioria das vezes, requer um investimento alto inicial para um resultado futuro que é incerto, fazendo com que menos pessoas tenham disposição e habilidades para esse papel. Além disso, a própria estrutura fiscal do país desencoraja a criação de empresas, com altíssimos impostos e processos de contratação muito burocráticos.

Aliado a isso, acredita-se que o papel das universidades é de suma importância para o desenvolvimento do potencial empreendedor de qualquer profissional. Dentro dos centros de formação em Psicologia, ainda é pouco comum a instituição de um conteúdo realmente voltado para o empreendedorismo como possibilidade de atuação profissional e também no desenvolvimento de habilidades necessárias para o exercício desse fazer. Apesar disso, acredita-se que há espaço e competência dentro desse mercado para esses profissionais, a partir de uma iniciativa institucional, visto que, sua formação generalista, contempla uma ampla gama de temas e conteúdos que fazem ponte direta com o empreendedorismo.

A presente pesquisa se justifica primeiramente partindo de uma motivação pessoal e profissional em função da experiência pessoal da autora de conciliar a

conclusão do curso de Psicologia com a carreira de empresária/empreendedora, gerando empregos e contribuindo mesmo que minimamente, para a economia local. Nesse contexto, a ausência da estimulação de comportamentos e habilidades empreendedoras durante todo o ensino formal chamam a atenção. Após a educação básica, dentro do curso de Psicologia, percebe-se que poucas pessoas planejam essa carreira, podendo ser essa baixa adesão fruto dessa ausência de exemplos e exposição dentro do Ensino Superior.

Fora do âmbito pessoal, a pesquisa se mostra relevante no âmbito da profissão ao trazer tanto para os acadêmicos quanto para os profissionais uma nova possibilidade de atuação profissional ou enriquecimento das suas atuações atuais. Além disso, acredita-se que a pesquisa é importante para a sociedade em geral, pois contribui para a quebra gradativa de um conceito culturalmente estabelecido e reafirma a pluralidade de atuação do psicólogo no mercado de trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo

O significado da palavra empreendedorismo ainda hoje é bastante amplo, tendo em vista que o estudo sobre essa área de atuação seja recente. Etimologicamente esse termo é permeado por mais outros dois termos: empresa, e empresário. Segundo o Código Civil (2002) no artigo de número 996: o termo empresário significa “quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para produção ou circulação de bens ou serviços”. A empresa é a atividade econômica propriamente dita, que está instalada em um estabelecimento e sob uma razão social. Atrelado a esses significados, empreender pode significar o ato de instituir uma empresa, e tornar-se dessa forma, um empresário. Porém, para além desse significado, muitos outros autores definem o empreendedorismo de forma ampla e distinta.

Para Hiesrich e Peteres (2004) empreender é um processo universal com possibilidade de atuação que permite que haja potencial empreendedor em qualquer área do conhecimento. Já para Kruguer (2017) o empreendedorismo pode ser compreendido como uma ação de fazer com criatividade e inovação um projeto, seja ele organizacional ou pessoal. Pode ser também ser considerado como um comportamento humano de proatividade e de resolução de questões complexas. Segundo Dollabela (1999) o empreendedor se configura como o “motor da economia”, agente de mudanças, ligando-o diretamente ao crescimento econômico do país e ao aproveitamento das oportunidades de inovação no campo dos negócios. O empreender é mais que uma ação, é uma forma de ser, de estabelecer relações e de enxergar o mundo. É aquele que decide percorrer por caminhos incomuns e transforma suas descobertas em algo benéfico para si e para os outros.

Apesar de distintos, todos esses conceitos relacionam-se entre si na ideia de que o empreendedor não necessariamente está atrelado a um fazer ou um campo específico do conhecimento, mas sim um fazer que requer uma lógica intersetorial e multidisciplinar. No livro “O segredo de Luiza”, Dolabella (1999) pontua que, inicialmente, o fenômeno empreendedor era visto como aquele que exclusivamente, nascia na empresa, porém, no momento atual e na sua amplitude

de definições e do próprio fazer, prefere referir-se ao empreendedor como aquele que “Imagina, desenvolve e realiza missões”. (DOLABELLA, 1999. Pag, 26)

Além disso, o autor pontua o caráter social do empreendedorismo, dizendo que o empreendedor é fruto também da época e do local em que está inserido. Dessa forma, o indivíduo que se insere em um ambiente favorável à prática, onde empreender seja considerado algo positivo, aumenta consideravelmente as suas possibilidades e a motivação para a criação daquele negócio.

Socialmente, o empreendedorismo se mostra com importância fundamental, pois implica na ideia de sustentabilidade. Ele não se configura como um processo individual mas, causa impactos em toda uma comunidade. Timmons (apud Dornellas 2001, pag. 18) fala que “o empreendedorismo é uma revolução silenciosa que será para século 21 mais que a revolução industrial foi para o século 20”.

Nas teorias econômicas, a figura do empreendedor ainda é vista de certa forma como passiva, até a teoria neoclássica. A regulação do mercado ficava na mão de outras variáveis, como a própria moeda. A partir das ideias de Schumpeter (1982), as tomadas de decisão do empreendedor se tornam a parte fundamental do processo de empreender na sociedade. A palavra chave a partir desse pensador é a “inovação”, é ela quem estabelece as demandas econômicas a partir das quais serão gerados novos mercados.

A ação empreendedora, ao mesmo tempo em que é responsável pela geração de novas riquezas no sistema capitalista, também destrói os capitais obsoletos, as velhas estruturas e instituições, gerando desequilíbrio no mercado (através de desajustes na oferta, demanda e preços), causando redistribuição de riqueza e realocação de recursos. Ou seja, o conceito de empreendedor e da ação empreendedora se sustenta na força da destruição criadora, no conflito entre velhos e novos capitais, nas mudanças das estruturas sociais, culturais e político-institucionais (CAMARGO et al., 2008, p. 10)

Dessa forma, pode-se perceber que a partir desse momento, são evidenciadas as habilidades empreendedoras, não a partir daquele que replica ou apenas gerencia o que já existe, esse fenômeno exige do indivíduo habilidades de inovar, criar do zero e constituir uma estrutura complexa a partir de si próprio. É a

partir dessa perspectiva que se ratifica um perfil disposto a lidar com situações incertas e riscos que recaem exclusivamente sobre aquele que está inovando.

De acordo com Camargo et al., (2008) os empreendedores não formam classe social. Isso por que, a partir do momento em que ele deixa de agir na criação e na atuação, ele deixa de sê-lo. O comportamento de empreender depende, além do próprio indivíduo, das condições e das interações feitas com instituições e agentes do contexto em que ele está inserido. Nesse âmbito, evidencia-se o papel dos documentos direcionadores das universidades como o cerne da criação de um ambiente estimulador de habilidades empreendedoras.

Na atualidade a importância do empreendedorismo tem se mostrado na prática, colaborando com números importantes para o desenvolvimento da nação. Principalmente no que se refere às pequenas e micro empresas, têm-se observado uma contribuição muito relevante na melhora dos índices de desemprego.

Segundo o levantamento feito pelo Serviço Brasileiro de Apoio as Pequenas Empresas (SEBRAE, 2020), as micro e pequenas empresas são responsáveis pela criação de mais de 71% dos empregos formais de carteira assinada no país, porcentagem que corresponde a um número superior a 2 milhões de empregos. Dollabela (1999) pontua ainda, que o empreendedor é o maior responsável pela dinamização econômica do país, pois fomenta a inovação e o desenvolvimento social.

O Brasil é um país de alta capacidade empreendedora, segundo a pesquisa do GEM de 2008. Nela a TEA (Taxas de Empreendedorismo em fase Inicial), do Brasil é de 12,02%, ou seja, a cada 100 habitantes, pelo menos 12 realizavam alguma atividade empreendedora até o momento da pesquisa. No panorama internacional onde 43 países participaram, o Brasil ocupou a 13ª posição, superando a média internacional que é de 10,48%. Em contrapartida uma outra variável se mostra relevante dentro desta pesquisa, para o entendimento desse contexto global do empreendedorismo: a motivação empreendedora. Essa pesquisa concentra-se na natureza do empreendedorismo, de forma a entender se os indivíduos daqueles países empreendem por uma percepção de oportunidade em gerar renda, melhorar de vida ou impactar de alguma forma a sociedade. A taxa de empreendedorismo por oportunidade reflete o “lado positivo” da atividade nesses países. Nesse quesito temos países como a Bolívia ocupando a primeira posição no ranking com uma porcentagem acima dos 20%. No outro extremo há o

empreendedorismo por necessidade, aqueles que se utilizam dele como “estratégia de desenvolvimento”. O que se pode notar na tabela a seguir é que os países mais desenvolvidos são os que apresentam a menor taxa de empreendedores por necessidade.

Tabela 1: TAXA DE EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE

| PAÍSES | TAXA OPORTUNIDADE % | POR | POSIÇÃO (43 PAÍSES) | ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES |
|----------------------|---------------------|-----|---------------------|------------------------------|
| Maiores taxas | | | | |
| Colômbia | 10,15 | | 1 | 2.720.000 |
| Bolívia | 8,59 | | 2 | 323.000 |
| Peru | 8,02 | | 3 | 1.367.000 |
| Angola | 7,99 | | 4 | 472.000 |
| Jamaica | 7,28 | | 5 | 97.000 |
| Menores taxas | | | | |
| França | 0,57 | | 39 | 224.000 |
| Islândia | 0,54 | | 40 | 1.000 |
| Holanda | 0,46 | | 41 | 49.000 |
| Bélgica | 0,26 | | 42 | 15.000 |
| Dinamarca | 0,21 | | 43 | 7.000 |

Fonte: Pesquisa GEM, 2008

O Brasil se apresenta com a razão de 02 empreendedores por oportunidade para cada 01 por necessidade, mostrando que ainda há um longo caminho a percorrer. Espera-se que o Brasil atinja números como os do Estados Unidos com uma razão de 6,86 empreendedores por oportunidade a cada 01 por necessidade, ou até a França que lidera o G-20 com uma razão de 8,35/01. Acrescenta-se também que, segundo o GEM, a relação entre o número de empreendedores por oportunidade e crescimento econômico, calculado através do PIB, é diretamente proporcional. Ou seja, quanto maior a posição no ranking de atividade empreendedora por oportunidade, maior é o Produto Interno Bruto daquele

país. A única exceção ocorre com o México que se encontra na primeira posição e possui apenas o 10º maior PIB do G-20. (Greco et al., 2009).

Ainda segundo Greco et al (2009), sobre o estudo do GEM, intitulado: Empreendedorismo no Brasil, aponta em seus resultados, no que tange a educação empreendedora dentro do Ensino Superior, os resultados como sendo pouco animadores. Entre aqueles que dão início ao seu próprio negócio, 90% nunca fizeram qualquer disciplina relativa ao tema. Dentre os empreendedores que tiveram acesso a alguma atividade relacionada à negócios, 40% o fizeram em disciplinas majoritariamente optativas.

2.2 Comportamento empreendedor

O autor que iniciou os estudos sobre comportamento empreendedor foi o David Mc Clelland na década de 1950. Contemporâneo à ascensão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas URSS, foi provocado pelos interesses históricos e sociológicos a investigar as grandes civilizações e seus comportamentos. Mc Clelland (1972), identificou na literatura, heróis de muito destaque como fruto de seu trabalho e esses heróis foram para as próximas gerações, como modelos. A influência sobre a qual essas pessoas eram treinadas resultava naquilo que se denominou “necessidade de realização” e era associada ao empreendedorismo. (LORENTS, 2015)

De acordo com Mc Clelland (1972), as pessoas são motivadas devido à necessidade de realização, poder e afiliação.

Tabela 2: MOTIVAÇÃO EMPREENDEDORA

| Motivação | Significado |
|---------------------------|---|
| Necessidade de realização | É aquela que move o indivíduo a tentar atingir seus limites e desenvolver um bom trabalho. Essas pessoas apresentam características comuns entre si como a competitividade, afinidades com o estabelecimento de metas, sendo elas plausíveis e alcançáveis. A necessidade de realização é a impulsionadora desses |

| | |
|--------------------------|--|
| | indivíduos empreendedores. |
| Necessidade de poder | Preocupação em exercer poder sobre os demais. |
| Necessidade de afiliação | Indivíduos que possuem uma preocupação no estabelecimento de relações interpessoais. |

FONTE: Elaborado pela autora com base em Clelland (1972).

Assim, Lorentz (2015) evidencia que o indivíduo que apresenta o comportamento empreendedor manifesta características que conseguem identificar, assim como um conjunto de habilidades. O autor investigou sobre a motivação dos estudantes universitários e como essa variável influenciava no sucesso profissional após 14 anos de formação. Mc Clelland, (1972) concluiu nesse estudo que os estudantes que foram identificados com os maiores graus de motivação tinham seguido suas carreiras como empreendedores. Na perspectiva desse mesmo autor, que se encontra no livro “A Sociedade Competitiva: realização e progresso social”, a característica principal que diferencia indivíduos empreendedores de não-empreendedores é a disposição em assumir riscos. Essa “camada da população”, como assim identifica, corresponde como uma minoria da população mundial. (MARCONDES, 2014).

Ainda segundo Lorentz (2015), Mc Clelland (1972), realizou uma pesquisa de âmbito internacional a fim de levantar os principais pontos em comum nos comportamentos desses indivíduos que se tornaram bem sucedidos no campo dos negócios. Esse estudo divide em 03 grupos, as dez principais características do comportamento empreendedor (CCE):

- Conjunto de realização: aqui estão contidas as características como a tendência a assumir riscos, persistência, altos graus de cobrança pela eficiência.
- Conjunto de planejamento: instituição das metas na rotina, monitoramento e comportamento sistemático, busca por informações.
- Conjunto de poder: Altos graus de persuasão, rede densa de relações sociais, segurança e autoconfiança.

Dornelas (2008) também sintetiza algumas características que esses indivíduos apresentam em sua maioria: capacidade de tomar decisões estratégicas,

senso de exploração de oportunidades, dinamismo, otimismo, independência, liderança, organização, e tendência a assumir riscos.

A tabela a seguir descreve as características que devem ser desenvolvidas ou aprimoradas pelo empreendedor:

Tabela 3: CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS

| Conjunto de Realização |
|---|
| CCE: Busca de oportunidades e iniciativa |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz as coisas antes de solicitado, ou antes, de forçado pelas circunstâncias; ▪ Age para expandir o negócio a novas áreas, produtos ou serviços; ▪ Aproveita oportunidades fora do comum para começar um negócio, obter financiamentos, equipamentos, terrenos, local de trabalho ou assistência. |
| CCE: Correr riscos calculados |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Avalia alternativas e calcula riscos deliberadamente; ▪ Age para reduzir os riscos ou controlar os resultados; ▪ Coloca-se em situações que implicam desafios ou riscos moderados. |
| CCE: Exigência de qualidade e eficiência |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Encontra maneiras de fazer as coisas melhor, mais rápido ou mais barato; ▪ Age de maneira a fazer coisas que satisfazem ou excedem padrões de excelência; ▪ Desenvolve ou utiliza procedimentos para assegurar que o trabalho seja terminado a tempo ou que o trabalho atenda a padrões de qualidade previamente combinados. |
| CCE: Persistência |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Age diante de um obstáculo significativo; ▪ Age repetidamente ou muda de estratégia, a fim de enfrentar um desafio ou superar um obstáculo; ▪ Faz um sacrifício pessoal ou desenvolve um esforço extraordinário para completar uma tarefa. |
| CCE: Comprometimento |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Assume responsabilidade pessoal pelo desempenho necessário ao atingimento de metas e objetivos; ▪ Colabora com os servidores ou se coloca no lugar deles, se necessário, para terminar um trabalho; ▪ Esmera-se em manter os usuários satisfeitos e coloca em primeiro lugar a boa vontade a longo prazo, acima do lucro a curto prazo. |
| Conjunto de Planejamento |
| CCE: Busca de informações |

| |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Dedicar-se pessoalmente a obter informações de clientes, fornecedores e concorrentes; ▪ Investiga pessoalmente como fabricar um produto ou fornecer um serviço; ▪ Consulta especialistas para obter assessoria técnica ou comercial. |
| CCE: Estabelecimento de metas |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelece metas e objetivos que são desafiadores e que têm significado pessoal; ▪ Define metas de longo prazo, claras e específicas; ▪ Estabelece objetivos mensuráveis e de curto prazo. |
| CCE: Planejamento e monitoramento sistemático |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Planeja dividindo tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos; Constantemente revisa seus planos, levando em conta os resultados obtidos e mudanças circunstanciais; ▪ Mantém registros financeiros e utiliza-os para tomar decisões. |

| |
|---|
| Conjunto de Poder |
| CCE: Persuasão e redes de contato |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza estratégias deliberadas para influenciar ou persuadir os outros; ▪ Utiliza pessoas chave como agentes para atingir seus próprios objetivos; ▪ Age para desenvolver e manter relações comerciais. |
| CCS: Independência e autoconfiança |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Busca autonomia em relação a normas e controles de outros; ▪ Mantém seu ponto de vista mesmo diante da oposição ou de resultados inicialmente desanimadores; ▪ Expressa confiança na sua própria capacidade de completar uma tarefa difícil ou de enfrentar um desafio. |

FONTE: Clelland (1972)

Todas essas características podem auxiliar no desenvolvimento de um comportamento empreendedor, assim como sua ausência pode contribuir para um fenômeno bastante recorrente no Brasil que é o interrompimento ou falência de empresas em andamento. De acordo com uma pesquisa realizada pelo GEM em 2014 aponta que o Brasil está na nona posição entre os países que mais empreendem no mundo, por quantidade de empresários e empreendedores em números absolutos, porém, existe uma taxa de mortalidade muito alta onde 50% das empresas que nascem no país precisam fechar as portas com menos de três anos de existência.

De acordo com Dollabela (1999) o empreendedorismo é um fenômeno social, e o seu desenvolvimento está diretamente ligado ao ambiente em que está inserido, sendo ou não propício. Além disso, pontua que este tema é um tema universal e não específico, portanto deveria estar disponível para todos os alunos desde a educação básica. A partir disso, evidencia-se o papel das universidades no desenvolvimento do comportamento empreendedor, como fomentador de um ambiente propício para o seu desenvolvimento.

Verifica-se que a universidade se constitui em um ambiente propício à inovação, pela concentração de capital intelectual e pela geração, compartilhamento e disseminação de ativos de informação e conhecimento. Além disso, a universidade deve combinar seus recursos e potenciais na área de pesquisa, visando estimular o surgimento de ambientes de inovação. (FREITAS JÚNIOR et al., 2013, p. 55)

Dessa forma, é possível ao se identificar essas características, estabelecer dentro do ensino, estratégias que despertem e fomentem essas iniciativas, criando assim condições para que o aluno opte por esta carreira. (Kruguer, 2017)

2.3 A formação em Psicologia no Brasil

No que chama de período pré-profissional, (PEREIRA e NETO, 2003) pontua que até o século XX, não havia no Brasil uma Psicologia propriamente dita, no que se refere ao reconhecimento da prática e a definição do conhecimento, apesar de que já existia, dentro da elite, interesses latentes pela aplicação dos saberes psicológicos. Com a chegada das Faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, houve um uso da Psicologia dentro do curso de Medicina, mais ligado à mensuração e classificação do comportamento e a Psicologia ainda não se caracterizava como disciplina autônoma. O encontro dos campos da Educação e da Medicina contribuíram para o início da profissionalização da Psicologia no Brasil . Em consequência dessa aproximação com a educação, a Psicologia foi incorporada nos currículos das escolas normais, e também sendo criado o Pedagogium, 1º laboratório de Psicologia Experimental do país. (PEREIRA e NETO, 2003) esses foram dois marcos históricos de grande importância para a sua profissionalização.

Segundo Pereira e Neto (2003), a trajetória da Psicologia enquanto graduação se inicia com o decreto de nº 21.173 de 19 de março de 1932, onde seria instituído o Instituto de Psicologia no lugar daquele que era chamado de Laboratório de Psicologia da colônia de psicopatas. Esse decreto, além de outras obrigações, coloca sob dependência do Ministério da Educação esse novo instituto. Esse instituto tinha como finalidade desempenhar as seguintes funções: Núcleo de pesquisas científicas de psicologia geral, individual, coletiva e aplicada, Centro de aplicação e escola superior. As sessões compreendidas nesse curso de ensino superior, eram: Psicologia geral, Psicologia aplicada a educação, Psicologia aplicada à medicina e Psicologia aplicada ao direito.

O programa do primeiro curso que formaria “profissionais de Psicologia” e iniciava seu primeiro ano letivo em 1933, seguiu as seguintes etapas:

Primeira fase concentrada nos estudos de Psicologia geral, ancoradas nas ciências naturais e biológicas, assim como estudos de lógica e filosofia. Segunda fase agora baseada nas ciências sociais tais como, sociologia e antropologia, pretendiam estudar aquilo que foi chamado de Psicologia diferencial e coletiva. Por fim, a terceira e última fase compreende à Psicologia aplicada e a algumas especialidades psicológicas como: Psicologia da criança, História da Psicologia dentre outras.

Pode-se dizer que esse projeto de curso formulado por Radecki em 1932 foram os primeiros passos daquilo que existe hoje dentro dos centros acadêmicos. Com a Lei de nº 5.755 de 20 de Dezembro de 1977, foi criado no Brasil o Sistema Conselhos, que compreende o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), com a função de regulamentar a profissão assim como oferecer segurança ao mercado de trabalho da profissão. Entre o anos de 1870 e 1975, vários foram os fatos na trajetória da Psicologia como ciência e profissão no Brasil. Em 1934 foi inaugurada a disciplina de Psicologia geral na USP,, não sendo mais uma disciplina eletiva/optativa mas se tornando uma disciplina obrigatória em todos os cursos de licenciatura. (PEREIRA; NETO, 2003)

Com a portaria de número de 272, referente ao projeto de lei 9092 de 1946 (BRASIL,1946), fica institucionalizada a formação profissional do psicólogo dentro do curso de Filosofia, onde os profissionais denominados “especialistas em Psicologia” que frequentavam 03 anos de filosofia, biologia, fisiologia, antropologia ou estatística e então fazer os cursos especializados de Psicologia. A formação profissional assim como conhecemos hoje foi iniciada em 1957 começando o primeiro curso no Rio de Janeiro na Pontifícia Universidade Católica e em São Paulo na USP em 1938. (PEREIRA; NETO, 2003). Segundo Biaggio e Griger (1992), a Psicologia chega ao final da década de 1950 com uma formação profissional de nível universitário nos principais polos econômicos do país e seu primeiro curso de Mestrado em 1966 e o de Doutorado em 1974. Dessa forma, a Psicologia foi se consolidando ao longo dos anos de forma cada vez mais legítima também como detentora de um mercado de trabalho. No dia 27 de Agosto de 1962 foi aprovada a lei de nº 4.119 que regulamentou a profissão do psicólogo no Brasil.

Atualmente, a graduação em Psicologia objetiva formar indivíduos com um conhecimento generalista sobre os temas psicológicos, assim como desenvolver habilidades técnicas para as possíveis intervenções e uma formação metodológica segundo (BASTOS, COMIDE, 1985). Essa graduação deve permitir aos estudantes oportunidades de atuação em áreas como a organizacional, escolar, hospitalar, Psicologia do trânsito, dentre outros, assim como também balizar a atuação como empreendedor, podendo ser por exemplo, dono de uma clínica de Psicologia. Já para Pfromm Netto (1991), a formação de psicólogo no Brasil possui os seguintes objetivos: a) Preparar o profissional para a atuação no mercado de trabalho; b) proporcionar ao aluno uma ampla gama de conhecimentos, estimular habilidades

e atitudes que estejam em concernência com a profissão, c) contribuir para o progresso científico; d) estimular a produção de um saber e fazer genuinamente brasileiros.

Para os dois autores, a formação em Psicologia deve fornecer um conhecimento generalista que contemple as áreas de atuação da Psicologia, assim como também, evidencia-se o papel das universidades na formação de habilidades e atitudes práticas que colaboram para o desempenho do mercado de trabalho atual.

Os currículos dos cursos de Psicologia são orientados pelas Diretrizes Nacionais Curriculares, que formam a base para a formatação e instituição de qualquer curso de ensino superior no país. Essas diretrizes constituem orientações sobre princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação dos cursos envolvidos. (BRASIL, 2004). Esses dispositivos são definidos distintamente para cada curso do país, a fim de direcionar cada perfil e habilidades que devem ser desenvolvidas em cada um deles.

Etimologicamente, a palavra currículo, originada do latim curriculum, significa corrida, carreira ou lugar onde se corre. Significado este que se mostra muito favorável ao relacionar-se à ideia de “corrida” no percurso para o atingimento de uma meta, como nas universidades, a meta da graduação. Sua história remete à necessidade de se construir uma base comum e uma administração um tanto mais totalizante visto que, na época de sua instituição, a escolarização era feita de forma independente e fracionada.

A expressão curriculum, referia-se ao curso inteiro de vários anos seguidos por cada estudante, daí a associação de seu significado de origem latina com a ideia de corrida ou carreira. Este enfoque confirmava a ideia de que os diferentes elementos de um curso educacional deveriam ser tratados como peça única. Falar de um currículo na pós-reforma é apontar para uma entidade educacional que exhibe tanto globalidade estrutural quanto a completude sequencial. Portanto, a emergência do currículo, trouxe um maior controle tanto sobre o sistema de ensino como ao processo de aprendizagem. (RIBAS, 2011, p.91)

Dessa forma, destaca-se que o currículo tanto na educação básica como na educação superior, tem papel fundamental pois transforma as metas em estratégias de ensino, corroborando para um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. Ribas (2011) pontua ainda os três enfoques da formação dos currículos, que são: a seleção de um conteúdo, método de transmissão e aplicação de

conhecimento. Para a formação de empreendedores especificamente, propõe acrescentar mais um requisito: o compartilhamento de experiências dado o caráter prático do empreendedorismo.

Porém, a Psicologia como ciência e profissão não é um campo unificado, por conta disso, alguns autores ao se referir à pluralidade de áreas de atuação e a multiplicidade teórica, nomeia de “Psicologias”.(BOCK, 2004) Ao falar sobre “a crise da Psicologia”, Moura (2003) enfatiza as falhas de um modelo teórico-metodológico que vem modificando-se ao longo dos tempos para melhor atender as demandas dos dias atuais. A presença da dicotomia “normal/patológico” interfere tanto na análise como nas noções de intervenção desses profissionais.

“Sob esta modalidade teórico-metodológica, a prática profissional do psicólogo consagrou-se como uma importante ferramenta de adequação e ajustamento do homem ao contexto, conferindo-lhe um estatuto de neutralidade e estabilidade. Em práticas desta natureza, subjaz uma concepção de homem a-histórico (regulado por leis "naturais", responsáveis por produzir homens mais ou menos comprometidos, do ponto de vista psicopatológico) amparada no mito da universalidade do psicológico, o qual "significaria aceitar que todos os indivíduos se afligem, se emocionam, reagem, etc., da mesma forma em qualquer época e lugar" (MOURA, 2003, p.15)

Compreende-se dessa forma, uma ausência da dimensão social à respeito do objeto de estudo da Psicologia. Com as mudanças sociais o profissional teve de se readaptar à um campo de atuação primeiramente desconhecido e que requer habilidades bastante diferentes daquelas tradicionalmente exercidas ao longo da história. Dentro deste aspecto, Bernardes (2006, p. 5) pontua sobre o caráter social das diretrizes nacionais:

Destaco que currículo é vida, e, portanto, é desejável que esteja na pele das pessoas, encarnado em seus corpos, vivenciado e em constante processo de avaliação e mutação. Por ser vivo, o currículo que se estatiza, define, iniciando processos de reproduções culturais, sociais, valores, poder e de práticas quase sempre questionáveis.

A partir disso, percebe-se que, segundo a autora, os currículos das universidades não podem estar ao longo do tempo, alheios às mudanças e atualizações sociais, pelo contrário, a formulação desse conteúdo deve levar em conta, principalmente, o meio e a época em que está inserido.

Estas mudanças de concepção conduziram a um crescente movimento de reforma curricular. A elaboração das DCNs inicia em 1994, através da Comissão de Especialistas em ensino de Psicologia, que foi deliberada pelo Ministério da Educação. Foram dois destaques principais que direcionaram o trabalho dessa comissão: a) Estabelecer os conhecimentos e habilidades básicos da Psicologia; b) Configurar a graduação de forma a estabelecer um equilíbrio entre a concentração nos domínios e evitar uma especialização precoce, ou seja, garantir uma formação generalista. (SANTOS, 2016). O projeto pedagógico da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), por sua proposta inovadora, assim como a formulação das diretrizes juntamente ao corpo docente, serviu de referencial.

Homologadas em 15 de Março de 2011, as DCNs atuais preveem uma formação voltada para a atuação profissional, a pesquisa e o ensino de Psicologia. Está baseada em princípios e compromissos que se relacionam: o avanço do conhecimento científico em Psicologia; a compreensão da amplitude do fenômeno psicológico e suas diversas interfaces; o reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreender o ser humano, e o incentivo ao diálogo com outros campos do saber dada a complexidade e a multideterminação do fenômeno psicológico; a compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país; a atuação, em distintos contextos, voltada para a promoção de qualidade de vida de indivíduos ou grupos com base nas demandas sociais existentes; o respeito à ética nas diversas relações profissionais estabelecidas e na produção e divulgação de conhecimento científico; e o aperfeiçoamento e a capacitação contínuos. Esses princípios e compromissos são traduzidos nas seguintes competências e habilidades gerais a serem desenvolvidas ao longo do curso: atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, e educação permanente (Brasil, 2004).

No cerne da relação das DCN's com as formações universitárias estão alguns elementos: o primeiro deles são os eixos estruturantes, eles se configuram como os pilares onde os conhecimentos, habilidades e competências se articulam. Em segundo lugar tem-se o núcleo comum onde está contida a "identidade" do curso, é ele quem estabelece a base que deve estar presente em todos os cursos de Psicologia do país. Também, as competências e habilidades que são aquelas que os alunos devem desenvolver durante todo o curso e que serão requeridos na sua atuação profissional. Por fim, as ênfases curriculares que são um compilado de

habilidades e competências concentradas em um estudo de algum dos domínios da Psicologia no país. (SILVA,2016). Nos artigos 10° e 12° das diretrizes curriculares da Psicologia é abordado o conceito de ênfases curriculares:

Art. 10°. Pela diversidade de orientações teórico-metodológicas, práticas e contextos de inserção profissional, a formação em Psicologia diferencia-se em ênfases curriculares, entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia. (BRASIL, 2011, p. 4)

Indaga-se neste conceito, a centralidade dada a “algum domínio da Psicologia”. Segundo o 12° artigo desse mesmo documento, os domínios da Psicologia referem-se aquelas áreas de mais comum atuação desse profissional. Para a autora citada acima, reduzir as ênfases curriculares somente aquelas áreas já consolidadas, é impedir que a Psicologia enquanto profissão avance: “É o modus operandi da Psicologia aplicada: Psicologia aplicada à escola, à organização e à clínica” (BERNADES, 2006, p. 6).

Botomé (1979) também problematiza uma certa divisão nas formações universitárias:

As escolas de Psicologia ainda mantêm as clássicas divisões entre clínica, escola e indústria (serão essas as necessidades que o povo brasileiro tem em relação à Psicologia?). Essa e outras características de nossos cursos selecionam bastante os interesses e as percepções dos profissionais da Psicologia (Botomé, 1979, p. 11)

De fato, houve ao longo da história, uma modernização, no que diz respeito à formação do profissional de Psicologia. A própria proposta das diretrizes curriculares é um avanço importante daquilo que antes era o currículo mínimo. Entretanto, para Campos (2013), apesar das mudanças, o esqueleto básico do currículo mínimo se manteve. A atualização se deu principalmente na instituição de disciplinas secundárias, ou seja, aquelas oferecidas para além do currículo mínimo. Como já dito, o escopo da Psicologia atual, transcende algumas das fronteiras das áreas de atuação, resultando em uma prática mais dinâmica e diversificada. Essa tendência exigiu um profissional mais preparado para agir nas mais diferentes situações, o que influenciou diretamente a atuação proposta dos cursos de graduação nessa área. Partindo de uma estrutura capitalista, as habilidades

empreendedoras são de importância fundamental para o profissional de qualquer área hoje em dia. Por isso, as diretrizes e por consequência as universidades devem preparar e estimular seus alunos para o enfrentamento dessa realidade.

Segundo Correa, Caetano e Currel (2010) a influência acadêmica do empreendedorismo é um dos principais fatores que contribuem para a criação de novos negócios, sendo motor fundamental para a geração de riqueza e crescimento econômico. As diretrizes nacionais que instituem as habilidades a serem formadas nos cursos de Psicologia prevista pelo Ministério da Educação (MEC) já se propõe em alguns de seus trechos à educação empreendedora:

“Os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e a administração da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou líderes nas equipes de trabalho” (BRASIL, 2011, p.2).

Dessa forma, ao delinear o empreendedorismo como parte fundamental da graduação, constitui um elemento importante para o crescimento e desenvolvimento empreendedor.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se utiliza do método descritivo a fim de analisar, através da análise documental, as Diretrizes Curriculares do curso de Psicologia como elemento que ofereça ou não subsídios para o empreendedorismo dentro das universidades. Os resultados foram construídos à luz dos principais autores relacionados à área, relacionando os principais trechos do documento como referências ao desenvolvimento do empreendedorismo ou de algum de seus principais pilares, segundo as teorias dos autores que compõe o referencial teórico.

O estudo é de caráter qualitativo à medida que traduz os resultados através de conceitos e ideias alicerçados nas fontes primárias e secundárias que foram consultadas durante o estudo. Dentre eles estão: Mc Clelland, Dollabela, Shumpeter, e outros autores de trabalhos acadêmicos, artigos e livros selecionados para este trabalho. As buscas foram feitas nas principais bases acadêmicas como Scielo, periódicos e até o Google acadêmico, a fim de elencar as principais obras que se relacionassem com o tema.

O documento no qual se baseia a presente pesquisa são as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Psicologia, na sua versão mais atualizada, homologada em Março de 2011. Através dele será feito o cruzamento de dados a fim de entender se esse documento, que compõe a base de planejamento e ação das instituições universitárias na proposição de cursos de graduação em Psicologia, se propõe a estimular, dentro desse nível de formação, indivíduos empreendedores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à análise do documento das Diretrizes Nacionais Curriculares de Psicologia, tem-se como referência a Resolução de nº 5, de 15 de março de 2011 que dispõe a última atualização das Diretrizes Curriculares de Psicologia, vigente durante o período de realização desta pesquisa, assim como estabelece normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia.

O artigo 4º das DCN fala sobre os objetivos gerais e os conhecimentos que os psicólogos devem ser dotados para o exercício das competências e habilidades:

V - Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e a administração da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou líderes nas equipes de trabalho. (BRASIL, 2011, p. 2)

Além dos conhecimentos em atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, e educação permanente, o item V destaca como objetivo geral dos cursos de Psicologia que os alunos sejam capazes de administrar e gerenciar, assim como, cita pela primeira vez no documento, o empreendedorismo como área de atuação profissional dentro da Psicologia. Destaca-se também o IV item, cujo foco principal é a liderança:

IV – “Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais deverão estar aptos a assumirem posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade” (BRASIL, 2011, p. 2)

O artigo 8º que se refere às competências, e, nos seus 15 itens, não se encontra nenhuma competência dos alunos de graduação em Psicologia relacionada à atividade empreendedora, de criação ou gestão de negócios.

O artigo 9º que se refere por sua vez, às habilidades, também não apresenta em nenhum de seus 7 itens, menção de alguma habilidade relacionada à atividade empreendedora, de criação ou de gestão de negócios.

O artigo 10º fala sobre um elemento importante, instituído com as diretrizes em substituição aos currículos mínimos: as ênfases curriculares. Como definição das ênfases, as próprias diretrizes as pontuam como: um conjunto

delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia. O artigo 12º estabelece quais são as principais ênfases curriculares, onde, destaca-se dentro do contexto estudado, o terceiro item:

c) Psicologia e processos de gestão, que abarca a concentração em competências definidas no núcleo comum da formação para o diagnóstico, o planejamento e o uso de procedimentos e técnicas específicas voltadas para analisar criticamente e aprimorar os processos de gestão organizacional, em distintas organizações e instituições. (BRASIL,2011,p.4)

O artigo de número 12, afirma ainda que, as possibilidades dadas nas diretrizes não prejudicam a concepção de novos recortes que estabeleçam novos arranjos na área.

A seguir uma tabela onde correlaciona-se os artigos sobre os principais pilares das diretrizes e suas respectivas referências ou não ao desenvolvimento do comportamento empreendedor na graduação de Psicologia:

Tabela 4: O EMPREENDEDORISMO NAS DIRETRIZES CURRICULARES DE PSICOLOGIA

| ARTIGO | CONCEITO CENTRAL | REFERÊNCIA AO EMPREENDEDORISMO |
|---------------|-------------------------|---------------------------------------|
| Nº 04 | OBJETIVOS GERAIS | DIRETA |
| Nº 08 | COMPETÊNCIAS | INEXISTENTE |
| Nº 09 | HABILIDADES | INEXISTENTE |
| Nº 10 | ÊNFASES CURRICULARES | INEXISTENTE |
| Nº 12 | ÊNFASES CURRICULARES | INDIRETA |

FONTE: Elaborado pela autora com base nas Diretrizes Curriculares de 2011

A tabela a seguir demonstra com mais clareza os trechos em que foram encontrados referências ao desenvolvimento de comportamento empreendedor nas universidades, dentro do documento das Diretrizes Nacionais Curriculares (DCNs) de 2011. As referências que não são diretamente ligadas ao empreendedorismo,

mas abrem espaço para a interpretação e adaptação pelas instituições de ensino dentro desse contexto, também foram elencadas na tabela.

Tabela 5: Referências ao empreendedorismo nas Diretrizes Curriculares

| ARTIGO | CONCEITOS CENTRAIS | REFERÊNCIA AO EMPREENDEDORISMO |
|------------------------|----------------------|--|
| N° 4, ITEM IV | OBJETIVOS GERAIS | Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais deverão estar aptos a assumirem posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade; |
| N° 4, ITEM V | OBJETIVOS GERAIS | Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e a administração da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou líderes nas equipes de trabalho; |
| N° 8, ITEM VIII | COMPETÊNCIAS | coordenar e manejar processos grupais, considerando as diferenças individuais e socioculturais dos seus membros; |
| N° 12 | ÊNFASES CURRICULARES | sem prejuízo para que, no projeto de curso, as instituições formadoras concebam recortes inovadores de competências que venham a instituir novos arranjos de práticas no campo. |

| | | |
|---------------|----------------------|---|
| N° 12, ITEM C | ÊNFASES CURRICULARES | Psicologia e processos de gestão, que abarca a concentração em competências definidas no núcleo comum da formação para o diagnóstico, o planejamento e o uso de procedimentos e técnicas específicas voltadas para analisar criticamente e aprimorar os processos de gestão organizacional, em distintas organizações e instituições; |
| | | |
| | | |

FONTE: Elaborado pela autora com base nas Diretrizes Curriculares de Psicologia de 2011

Pode-se perceber, a partir dos dados explanados acima, que as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Psicologia de 2011, já começam a orientar em alguns de seus itens de maneira direta ou não, a estimulação e desenvolvimento de comportamentos e aptidões empreendedoras dentro das universidades. Entretanto, percebe-se também que há apenas 1 referência direta ao empreendedorismo em todo o documento, sinalizando que ainda existem lacunas no que diz respeito à fomentação a atividades empreendedoras.

A primeira e única referência direta, encontra-se no capítulo de nº 4, onde são estabelecidos os objetivos gerais relacionados às competências e habilidades necessárias na formação em Psicologia. Nela há orientação direta para que a graduação dentro de suas atribuições, consiga formar também, profissionais aptos a exercer papéis como empreendedores, gestores e líderes de equipe de trabalho, assim como pontua Hiesrich e Peters (2004), ao afirmar que dado o caráter universal do empreendedorismo, existe potencial empreendedor em qualquer área do conhecimento. Dollabela (1999) em seu livro, “O Segredo de Luiza” pontua também que o empreendedorismo é um fenômeno de caráter social, dessa forma, há necessidade, para o desenvolvimento empreendedor, de um ambiente favorável a ele. Assim, a presença da formação de empreendedores, como objetivo geral na

graduação em Psicologia dentro das diretrizes, favorece a formação de um ambiente favorável dentro das universidades.

Além deste trecho destacado acima, ainda no artigo de nº 4, existe uma menção à formação de líderes, como objetivo geral do curso de Psicologia. Apesar de não ser uma referência direta, Dornelas (2008) pontua que a liderança é uma das principais características que compõe o perfil empreendedor. Além disso no que diz respeito à motivação empreendedora, de acordo com a teoria de Mc Clelland (1972), os indivíduos empreendedores possuem a necessidade de poder, que se refere à preocupação de estar em posições que permitam exercer persuasão sobre os demais e que também está ligada ao papel de líder no grupo em que está inserido. Dessa forma, o item IV, também descreve um elemento importante para o estímulo desses indivíduos.

Outro conceito de notoriedade dentro das DCNs, são os eixos estruturantes, onde estão contidas as bases em torno das quais se formará a proposta do curso de graduação. Neste item, como demonstrado na Tabela 4, não há nenhuma menção, direta ou indireta, sobre o empreendedorismo ou algum item ligado a ele, deixando uma importante lacuna no que diz respeito a estruturação do curso, dada a importância dos eixos para a instituição do projeto pedagógico. O núcleo comum, por sua vez, referenciado nos artigos 6º e 7º, está alicerçado nos próximos campos: as competências e habilidades. O núcleo comum é o responsável por estabelecer a base de conteúdos de forma a tornar homogênea a formação de Psicologia no país. Assim, seu conteúdo deve ser analisado de acordo com os artigos que seguem.

No que se refere ao 8º artigo, sobre as competências a serem desenvolvidas, percebe-se também, apenas referências indiretas, como no item de número VIII onde se enfatiza a necessidade de se desenvolver competências de manejo e coordenação de processos grupais. Os grupos fazem parte, dentro da teoria da motivação de Mc Clelland das necessidades de filiação do indivíduo empreendedor. Esse indivíduo busca sempre estabelecer relações interpessoais e maneja com estratégia esses grupos, tendo uma rede de relações bastante densa. Nas habilidades, contidas no artigo de número 09, como demonstrado na tabela 01, não há referências a habilidades empreendedoras.

Por fim, um conceito muito importante desde a substituição do currículo mínimo pelas Diretrizes nacionais é o das ênfases curriculares. Neste artigo que se

estende do número 10 até o número 12 pode-se fazer algumas observações. A primeira delas, no que diz respeito a própria definição das ênfases que, segundo o documento, devem ser alicerçadas em “em algum domínio da Psicologia”, e cuja complementação, contida no artigo 12º, refere-se a esses domínios como as áreas mais consolidadas de atuação profissional. A problemática encontrada nesse significado é apontada também por Bernardes (2006) sobre promover a estatização dos cursos de Psicologia, ao relacionar as ênfases, à domínios já existentes, e não fomentar os avanços e atualizações necessários dentro das universidades. Além disso, o documento também se refere a essas ênfases como baseadas em um conjunto limitado de habilidades e competências, onde pode-se perceber, através das pontuações anteriormente feitas que, não há referências diretas à aptidões empreendedoras em nenhum deles. O documento, se refere, nesse contexto, ainda no artigo de nº 12, a possibilidades de estabelecer recortes inovadores nesse aspecto, contudo, sem destrinchá-las nas possibilidades que se seguem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo se configura como um dos motores mais importantes da sociedade, ele fomenta o desenvolvimento, gera empregos e possibilita para o empreendedor uma vivência ímpar de experiências que constituem um aprendizado plural e profundo. A sociedade acadêmica, tanto no que diz respeito à formulação dos documentos balizadores, como nas próprias instituições devem se preocupar também na fomentação desse fenômeno que muitas vezes, é reprimido por um ambiente contrário a sua exposição.

O primeiro passo do presente trabalho foi identificar, através de estudos na área, os comportamentos e motivações que levam o indivíduo a optar por esta carreira e assim correlacionar a importância das Diretrizes nesse processo dentro das universidades, especificamente no curso de Psicologia. Identificou-se que apesar de existir um considerável potencial empreendedor no nosso país, apontado por pesquisas do GEM, boa parte dos indivíduos com essa pretensão, não receberam durante a caminhada acadêmica subsídios para enxergar essa possibilidade de forma a iniciar uma carreira empreendedora por oportunidade e aumentar as suas chances de sucesso dentro desta carreira.. Por conta disso, identificou-se que, o número de empresas criadas no Brasil é em sua grande maioria motivadas por fatores situacionais de necessidade do que de oportunidade como já pontuado, isso significa que a grande maioria dos empreendedores que temos não iniciou seu negócio com o lado “positivo” do empreendedorismo, evidenciando mais ainda o caráter um tanto precário do desenvolvimento empreendedor na educação brasileira . Além disso, reafirmou-se a importância das Diretrizes Curriculares como a base da ação universitária, sendo imprescindível o estabelecimento de ambiente favorável para o desenvolvimento empreendedor.

Dessa maneira, os objetivos desse trabalho foram atingidos ao passo que pôde-se analisar, se as diretrizes curriculares descrevem elementos que fomentem a formação empreendedora. Através dessa análise percebeu-se que as diretrizes sim, descrevem elementos neste âmbito, já que apontam de forma direta e indireta, comportamentos e habilidades que são imprescindíveis para o empreendedorismo. A reflexão que nos foi deixada, dado as pesquisas apresentadas, é se as universidades têm acatado as orientações que são feitas pelas Diretrizes, considerando uma possível nova pesquisa importante para o esclarecimento do

assunto. Ainda, destaca-se ainda a necessidade de ações mais direcionadas nessa área dentro da formação de Psicologia, confirmando também as hipóteses apresentadas.

Acredita-se que o presente trabalho contribua para a comunidade acadêmica pois acompanha uma onda crescente de publicações e de interesse pelo tema, e pode também fomentar os discentes, que assim se interessarem, construir uma carreira empreendedora de muita relevância para sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Antônio; GOMIDE, Paula. **O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional.** Revista de Psicologia Ciência e Profissão, 1983.

BERNARDES, 2016. **A Formação em Psicologia após 50 anos do primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais.** PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2012, 32 (num. esp.), 216-231

BOCK, Ana. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia.** Editora Saraiva, 3ª edição. 2001.

BOTOMÉ, S. P. **A quem, nós, psicólogos, servimos de fato?** Psicologia, 5, 1-16. 1979

BRASIL. **Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação Câmara De Educação Superior.** Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia, Nº5, 16 de março de 2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, a serem observadas pelas Instituições de Ensino Superior do País, Brasília, p.1-8, 2011

CAMARGO, Denise; CUNHA, Sieglind; BULGACOV, Yara. **A Psicologia de McClelland e a economia de Shumpeter no campo do empreendedorismo.** Rev. De desenvolvimento econômico, nº 17. Salvador, 2008.

Campos, E. B. V. (2013). **Considerações sobre as implicações das Diretrizes Curriculares na formação do estagiário em Psicologia.** Psicologia: Ensino & Formação, 4(2), 100-118.

CORREA, Susana; CAETANO, Antonio; CURRAL, Luís. **Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: como identificar o potencial empreendedor?** Lisboa, 2010.

DIAS, Jackeline. **Pesquisas, estudos e aplicações em Psicologia.** Campo grande: Editora Inovar, 2019.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de luíza: Uma ideia, uma paixão, um plano de negócios: como nasce um empreendedor e como se cria uma empresa.** Editora de cultura. São Paulo, 1999.

DORNELAS, José Carlos. **Empreendedorismo corporativo: conceitos e aplicações.** Revista de Negócios, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 81-90, abril/junho 2004

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Editora penso, 2013.

GEM-Brasil . Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2008. Curitiba: IBQP, 2008.

Greco, S. M. S. S., Bastos, P. A., Jr., Machado, J. P., Felix, J. C., Silvestre, R. G. M., Passos, C. A. K., Schlemm, M., Meza, M. L. F. G., Rissete, C. R., Cunha, S. K., Bulgacov, Y. L. M., Camargo, D., & Réa, M. X. (2009). **Empreendedorismo no Brasil: 2008 (GEM 2008)**. IBQP: Curitiba

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo** Porto Alegre, 2004.

JARRY, Roberto. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

KRUGUER; MINELLO, 2017. Atitude empreendedora em discentes de graduação: entre a teoria e a prática. Revista Alcance, v. 24, n. 2, 2017.

LORENTZ, M. H. N. **O comportamento empreendedor de diretores da UFMS e sua percepção quanto à universidade empreendedora**. Dissertação apresentada ao curso de mestrado Profissional de Gestão e Organizações Públicas do programa de pós graduação em Administração. UFSM, 2015.

MARCONDES, Gilberto. **Empreender em Psicologia: uma opção para a carreira profissional do psicólogo?**. SBPOT. São Paulo, 2016.

MARCONDES, Renatto César. **Entre buscar oportunidades e obter reconhecimento: Comportamento empreendedor de psicólogos em sua trajetória profissional**. Florianópolis. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014

McCLELLAND, D. C. A sociedade competitiva: realização e progresso social. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972

MINELLO, I. F., BURGER, R. E., & KRUGUER, C. (Ago. 2017). **Características comportamentais empreendedoras: um estudo com acadêmicos de administração de uma universidade brasileira**. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, 10(Edição Especial), 72-91.

MOURA, E. P. G. **A Psicologia (e os Psicólogos) que Temos e a Psicologia que Queremos**. Psicologia CRP, 2003.

Pereira, F. M., & Pereira Neto, A. P. (2003). **O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização**. Psicologia em Estudo, 8(2), 19-27.

RIBAS, Raul. **O saber empreendedor: Diretrizes Curriculares para elaboração de Programas para Formação de Empreendedores com base na escola progressiva de John Dewey – Reflexão e proposta**. São Paulo, 2011.

SANTOS, Joene. **Impacto das Diretrizes curriculares nacionais na formação em Psicologia**: Revisão de literatura. Psicol. Ensino & Form. vol.7 no.2 São Paulo 2016

TIMMONS, Jeffry A. **New venture creation**: entrepreneurship for the 21st century. Boston: Irwin McGraw-Hill, 4th. ed., 1994

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o **Código Civil**.